



O Brasil no centro do mundo: o ensino da política externa brasileira como elemento de compreensão do espaço geográfico mundial na educação básica¹
Brazil at the center of the world: teaching Brazilian foreign policy as an element of understanding the world's geographic space in basic education

125

Alexandre Perez Menezes de Castro

Mestrando em Ensino de Geografia pelo PROFGEIO da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Vitor Stuart Gabriel de Pieri

Professor Associado do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

¹ Recebido para Publicação 29/03/2024. Aprovado para Publicação em 13/06/2024.

DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.13118939>





Resumo

Esse artigo é fruto de estudos preliminares cujo objetivo geral é desenvolver um material que auxilie no processo ensino aprendizagem de temas e conceitos de Geografia, trabalhados no ensino fundamental, relacionados ao espaço geográfico mundial e ao processo de globalização. Tendo em vista a relevância da temática sobre a organização política e econômica do espaço mundial que é dada tanto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quanto pelos currículos de redes públicas de educação e da necessidade do desenvolvimento de um raciocínio geográfico com os alunos, o desenvolvimento de metodologias para além dos tradicionais livros didáticos, pode ser um caminho para um maior interesse por parte do corpo discente em temas aderentes à geografia da inserção internacional do Brasil. Acreditamos, portanto, que um caminho para a compreensão do Espaço Mundial é a perspectiva e o olhar a partir do Brasil, isto é, colocando-o no centro do mundo para buscar um entendimento levando-se em consideração a maneira como o país tem se colocado no sistema internacional. Para tanto, conceitos e paradigmas relacionados aos estudos da política externa brasileira surgem como elementos basilares aos conteúdos tradicionais da geografia no ensino básico.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Política Externa Brasileira, Educação básica.

126

Abstract

This article is the result of preliminary studies in which we intend to present as a final result, the development of material that assists in the teaching-learning process of Geography themes and concepts worked on in elementary school, related to global geographic space and the process of globalization. Considering the relevance of the theme on the political and economic organization of the world space, which is given both by the National Common Curricular Base (BNCC) and by the curricula of public education networks and the need to develop geographic reasoning with students, the development of methodologies beyond traditional textbooks, blackboards and notebooks, can be a path to greater interest on the part of the student body in topics related to the geography of Brazil's international insertion. We believe that a path to understanding the World Space is the perspective and look from Brazil, that is, placing it at the center of the world to seek an understanding taking into account the way the country has placed itself in the system International. To this end, concepts and paradigms related to Brazilian foreign policy studies emerge as complementary elements to the traditional geography content in basic education.

Keywords: Geography Teaching, Brazilian Foreign Policy, Basic Education.





Introdução

O entendimento do sistema internacional é de suma importância para o desenvolvimento de uma Educação Geográfica que, de acordo com Helena Copetti Callai (2010), pode ser compreendida como

(...) um conceito que está sendo construído e diz respeito a algo mais que simplesmente ensinar e aprender Geografia: Significa que o sujeito pode construir as bases de sua inserção no mundo em que vive e compreender a dinâmica do mesmo através do entendimento da sua espacialidade. Esta como decorrência dos processos de mundialização da economia e de globalização de todo o conjunta da sociedade requer novas ferramentas para sua compreensão. Educação Geográfica significa, então, transpor a linha de obtenção de informações e de construção do conhecimento para realização de aprendizagens significativas envolvendo/utilizando os instrumentos para fazer a análise geográfica. Essa perspectiva considera que entender a sociedade a partir da espacialização dos seus fenômenos pode ser uma contribuição para a construção da cidadania.

Ou seja, a construção da cidadania acaba passando pelo ensino de Geografia a partir do desenvolvimento de saberes que possibilitem um entendimento da espacialização dos fenômenos terrestres em suas mais diversas escalas a partir da maneira como o estudante está inserido no mundo. Por isso, partiremos para uma compreensão do global tendo o Brasil como o centro e início de discussão.

127

Para desenvolver tal compreensão espacial com os alunos, é importante que eles exercitem uma análise geográfica e um pensamento científico para uma leitura crítica do mundo em que vivem. Assim sendo, é indispensável o estímulo a um raciocínio geográfico que, de acordo com a BNCC (2018), é

(...) uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas.

É claro que pensar geograficamente o mundo é algo muito complexo, cabe então nessa pesquisa uma delimitação espaço-temporal do que será trabalhado e desenvolvido com os alunos. Em relação ao tempo, partiremos do contexto histórico da década de 1990, quando a antiga ordem mundial bipolar chegou ao fim. Durante décadas Estados Unidos e União Soviética rivalizaram no cenário geopolítico global, porém o cenário foi modificado com a dissolução da potência socialista em 1991, provocando profundas mudanças no cenário geopolítico e geoeconômico ao redor do globo.

O triunfo do capitalismo sobre o socialismo soviético em 1989 deu impulso à globalização em sua dimensão horizontal e vertical. Três fatores influíram sobre o reordenamento das relações internacionais: a ideologia neoliberal, a supremacia do mercado e a superioridade militar dos Estados Unidos. (Cervo, 2015)





A multipolaridade passou a fazer-se presente em uma nova ordem mundial que estava se colocando diante de um mundo em transformação, repercutindo e afetando a condução do Estado Nacional brasileiro, mudando os rumos da Política Externa do Brasil a partir de então. A nova ordem mundial, a liberalização dos mercados nacionais e o rápido avanço da globalização causaram impactos díspares em diferentes regiões do Planeta, inclusive com o Brasil. A nova realidade econômica engendrada pela globalização trouxe consigo duas tendências: a formação de blocos econômicos e uma nova assimetria entre o centro do capitalismo e a periferia. (Cervo, 2015)

Já em relação ao recorte espacial e a escala dos fenômenos, trabalharemos com o Brasil e sua relação com o mundo: a maneira como o país estabelece diálogo com outras nações e com organismos de cooperação multilateral. Tendo em vista que a partir da década de 1990 alguns paradigmas foram modificados, buscaremos entender como tais mudanças interferiram a condução da Política Exterior brasileira ao longo do tempo para na sequência trabalharmos a proposta principal: entender o espaço geográfico internacional a partir do Brasil colocando-o no centro do debate. Ou seja, buscaremos entender as transformações geopolíticas e geoeconômicas do mundo tendo o Brasil como o centro, já que ele faz parte de um sistema-mundo que influencia ao mesmo tempo que é influenciado e, mesmo que não seja um espaço global homogêneo, é um espaço da globalização (Santos, 2014). Por sua vez, a globalização pode ser entendida como

128

(...) o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. (...) No fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária. (Santos, 2008)

O autor continua afirmando que a globalização

(...) não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes como (...) a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. (Santos, 2008)

Para alcançar tal desafio, propomos desenvolver um material didático que abordará a Política Externa brasileira e sua relação com a inserção internacional como base para compreender o espaço geográfico internacional e o processo de globalização. O material escolhido será um jogo, pois

o jogo e sua ação lúdica, rigorosamente alicerçados numa perspectiva educacional que encontra no professor a mediação pedagógica necessária à sua ação. Pensar o jogo como uma ferramenta que trabalhe os mesmos conteúdos dos livros didáticos, documentários, textos de apoio, artes, mas estruturados na forma de uma ação, que permita ao mesmo tempo a diversão, o prazer, e o fazer disciplinar tão necessário ao desenvolvimento das capacidades de interpretar o mundo, de compreender processos e fenômenos sociais, políticos e culturais e de atuar de forma ética, responsável e autônoma. (Bastos, 2022)





Tendo em vista que a Base Nacional, Comum Curricular aponta como principais objetivos das Ciências Humanas e Sociais a capacidade de interpretar o mundo, compreender processos e fenômenos sociais, políticos e culturais e atuar de forma ética, responsável e autônoma (Bastos, 2022), a escolha da elaboração de um jogo se justifica pela sua ação lúdica e de socialização, visando uma melhor compreensão dos conteúdos abordados.

Ao abordar a política externa brasileira e tendo-a como ponto de partida, buscaremos oferecer aos estudantes de turmas do 8º ano do ensino fundamental uma compreensão mais ampla de temas e conceitos de Geografia relacionados ao espaço geográfico mundial e ao processo de globalização a partir do papel e posição do Brasil no cenário internacional e da maneira como ele se projeta ao longo do tempo, especificamente a partir de 1990. A análise das estratégias diplomáticas, acordos comerciais e participação em organizações globais e paradigmas político-ideológicos poderá permitir que os alunos compreendam como o país se insere e influencia – ou é influenciado – pelas dinâmicas mundiais.

Além disso, a conexão entre a política externa e o espaço geográfico é crucial para entender os fluxos de pessoas, mercadorias e informações. Ao compreender as implicações geopolíticas das relações internacionais, os alunos poderão perceber como esses fluxos moldam as características do espaço geográfico, influenciando aspectos como desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas, urbanização, concentração de riquezas e diversidade cultural, por exemplo.

129

Ressalta-se que tais temas relacionados ao espaço geográfico mundial e ao processo de globalização, estão presentes na Base Nacional Comum Curricular e moldam referenciais curriculares de instituições e redes de ensino fundamental pelo Brasil, como é o caso da Prefeitura de Maricá. Segue abaixo o que é trabalhado no 1º e 2º bimestre do 8º ano do ensino fundamental em Geografia de acordo com o Referencial Curricular da rede municipal de ensino de Maricá (Maricá, 2021) e os respectivos códigos da BNCC (Brasil, 2018):

1º bimestre:

Unidade temática:

- Espaço Mundial: Diversidade e Regionalizações

Objeto do conhecimento:

- Regionalizações do mundo.
- Indicadores de desenvolvimento.

Habilidades trabalhadas:

- (EF08GE07) Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.





- (EF08GE14) Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.

2º bimestre:

Unidade temática:

- Organização Política e Econômica do Espaço Mundial

Objeto do conhecimento:

- Estados Unidos e China no cenário internacional.
- Os BRICS.

Habilidades trabalhadas:

- (EF08GE07) Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.
- (EF08GE09) Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).
- (EF08GE14) Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.

130

Assim, a relevância dessa proposta reside na necessidade de proporcionar uma educação geográfica que vá além dos mapas e fronteiras, abordando a interdependência entre os países e as complexidades que permeiam as relações internacionais. Essa compreensão mais ampla contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes do mundo em que vivem.

A justificativa para a elaboração desse material didático parte da constatação empírica das dificuldades dos estudantes do 8º ano do ensino fundamental em compreender e contextualizar questões globais, especialmente no que diz respeito à globalização e ao espaço geográfico internacional. Durante as aulas, ao explorar temas como os fluxos globais e as redes de comunicação, tornou-se evidente a falta de referências e conhecimentos sobre a inserção do Brasil nesse contexto. Esta lacuna no entendimento dos alunos impacta diretamente na sua capacidade de compreender os desafios e as oportunidades trazidas pela globalização, dificultando a análise crítica e reflexiva sobre questões globais contemporâneas. Ao notar essa dificuldade, surge a necessidade de desenvolver um material que possa preenchê-la, oferecendo uma abordagem didática que permita uma compreensão de conceitos geográficos aplicados ao espaço geográfico internacional e os processos globais a partir da política externa brasileira.



A constatação empírica se deu durante uma aula logo no início do ano letivo de 2023 ao trabalhar o processo de globalização e os fluxos de pessoas, mercadorias e informação. Foi utilizada uma imagem retirada do vestibular estadual 2015.1 para acesso aos cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se da imagem e texto da questão de número 58 do 1º Exame de Qualificação (UERJ, 2015):

Figura 1: Questão extraída do 1º Exame de Qualificação

58
QUESTÃO

ROTAS DE AVIÕES RECRIAM MAPA DO MUNDO



vegakosmonaut.blogspot.com.br, 11/06/2013

Um consultor canadense, Michael Markieta, desenvolveu um sistema de visualização das rotas de tráfego aéreo ao redor do globo que recria o mapa-múndi, como mostra a imagem. Atualmente, há 58 mil rotas aéreas cruzando os céus nos cinco continentes. Na imagem revelada por Markieta, não causa surpresa o fato de que os pontos mais densos aparecem em áreas onde muitas rotas seguem o mesmo trajeto e têm como destino as maiores cidades do mundo.

Adaptado de vegakosmonaut.blogspot.com.br, 11/06/2013.

Fonte: UERJ, 2015.

A partir de tais elementos visuais e textuais, foi desenvolvida uma atividade em que se verificou certa dificuldade de compreensão de temas e abordagens mais globais com as turmas, trazendo à tona a necessidade do desenvolvimento de uma metodologia nova que se integrasse aos meios já disponíveis e utilizados em sala de aula.

Portanto, a elaboração desse material didático não apenas atende à demanda identificada no processo educacional, mas também busca suprir uma carência significativa na formação dos alunos, permitindo-lhes

compreender e analisar criticamente o mundo globalizado em que vivem, capacitando-os para uma participação mais informada e ativa na sociedade.

A atividade que foi desenvolvida com os alunos foi complementar ao desenvolvimento da temática sobre como o processo de globalização acentuava certas desigualdades no espaço geográfico internacional. Segue na sequência:

Figura 2: Atividade realizada

PROFESSOR: ALEXANDRE PEREZ NOME: _____ DISCIPLINA: Geografia 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL Leia o texto a seguir para responder à questão. As redes sociais fazem cada vez mais parte da vida da sociedade brasileira. Praticamente todos as áreas estão inseridas no mundo digital. Saúde, educação, transporte, alimentação etc. já não são mais os mesmos: as coisas estão mudando rapidamente! Questão 01 (1,0 ponto) Qual a relação das REDES SOCIAIS com a GLOBALIZAÇÃO? _____ _____ _____ Observe a imagem e leia o texto para responder às questões a seguir. ROTAS DE AVIÕES RECRIAM MAPA DO MUNDO  “Um consultor canadense, Michael Markieta, desenvolveu um sistema de visualização das rotas de tráfego aéreo ao redor do globo que recria o mapa-múndi, como mostra a imagem. Atualmente, há 58 mil rotas aéreas cruzando os céus nos cinco continentes. Na imagem revelada por Markieta, não causa surpresa o fato de que os pontos mais densos aparecem em áreas onde muitas rotas seguem o mesmo trajeto e têm como destino as maiores cidades do mundo.” Adaptado de vegakosmonaut.blogspot.com.br, 11/06/2013. 1	Questão 02 (1,0 ponto) Qual a diferença evidenciada entre os países do hemisfério Norte e do hemisfério Sul? _____ _____ _____ Questão 03 (1,0 ponto) Qual a relação entre o número de voos (quantidade de rotas aéreas) e o nível de desenvolvimento socioeconômico de uma região? _____ _____ _____ Questão 04 (2,0 pontos) Como a GLOBALIZAÇÃO pode ser descrita a partir dos fluxos de pessoas, mercadorias e informação? _____ _____ _____ 2
---	--

Fonte: UERJ, 2015.

Nesse sentido, como objetivo geral, esse trabalho pretende desenvolver um material didático que auxilie na compreensão do espaço geográfico internacional e o processo de globalização a partir da inserção internacional do Brasil em turmas do 8º ano do ensino fundamental.

A metodologia para o desenvolvimento do trabalho se dará inicialmente com uma revisão bibliográfica e análise acerca dos temas trabalhados neste projeto, como: a inserção do Brasil no contexto internacional a partir de sua Política Externa, a Base Nacional Comum Curricular de Geografia e o Referencial curricular da rede municipal de Maricá para o ensino fundamental em Geografia. Na sequência será desenvolvido um jogo para trabalhar o ensino da política externa brasileira a partir de 1990 e de sua inserção internacional como ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico internacional e do processo de globalização em turmas do 8º ano do ensino fundamental.



Para alcançar os objetivos propostos, buscaremos explorar o raciocínio geográfico (Ribeiro, 2022) dos estudantes, entendendo-o como uma forma exclusiva de se pensar da ciência geográfica, envolvendo a mobilização dos conceitos fundantes da Geografia. Acreditamos que por meio da articulação desses elementos que o sujeito – o aluno, em nosso caso – é capaz de interpretar uma dada situação geográfica, compreendendo as relações entre os componentes espaciais presentes e as possíveis consequências de suas interações.

As conexões seriam entre a realidade do aluno do 8º ano do ensino fundamental com o espaço geográfico internacional e o processo de globalização. Para tanto, será utilizado o conceito de Região (Haesbarert, 2019) para trabalhar com chave global-regional, entendendo-o como unidade de análise que permite compreender as dinâmicas e as interações entre diferentes elementos do espaço geográfico, bem como as desigualdades e as diversidades que existem entre as diferentes porções do mundo.

A abordagem entre o global e o regional para a compreensão do espaço geográfico internacional e o processo de globalização se dará a partir da análise da política externa brasileira, considerando o termo como

o conjunto de ações e decisões tomadas por um ator, principalmente o Estado, em relação a outros atores externos (outros Estados, empresas transnacionais, organizações multilaterais, etc.), de maneira a garantir os interesses do mesmo (Pinheiro, 2004).

133

Tendo em vista que o Brasil está integrado ao sistema global capitalista de maneira subalterna como nação periférica, acaba mantendo como principal elemento a nortear sua atuação internacional a busca pela autonomia e pelo desenvolvimento econômico. As estratégias para atingir este fim, no entanto, variaram ao longo do tempo, incluindo períodos de profundo e acrítico alinhamento com a potência hegemônica a momentos de atuação independente e altiva. Ou seja, ao analisar a maneira como o país se projeta e insere no cenário internacional, compreende-se também o próprio espaço geográfico internacional e seu processo de desenvolvimento, como destaca Teles, Pieri e Oliveira (2016).

Por que o Brasil no centro do mundo?

Entender o mundo é uma tarefa complexa, ainda mais para jovens em processo de formação escolar do ensino fundamental. Tendo em vista as transformações ocorridas no sistema internacional ao longo do desenvolvimento do capitalismo até sua forma atual e do processo de globalização, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) traz alguns direcionamentos para a Geografia, tendo em vista que a mesma tem a capacidade de desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza.

A partir dos anos finais do ensino fundamental – 6º ao 9º ano – há uma crescente progressão nos níveis de complexidade a respeito do processo de produção do espaço (Brasil, 2018), a partir do desenvolvimento de análises que transitem em diferentes escalas para um entendimento dos fenômenos espaciais, dos objetos técnicos e do ordenamento territorial.





Aliás, faz necessário um entendimento do conceito de espaço, já que ele é central na abordagem da BNCC. Apesar de não ser uma tarefa tão simples pela complexidade do tema, Santos (1978) diz que o espaço

deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções.

Santos (2014) segue trabalhando o conceito de espaço, a fim de sistematizar um objeto de estudo para a Geografia, propondo que o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistema de objetos e de ações.

Assim, tem-se que a Geografia se faz como ciência ao estudar a materialização dos fenômenos espaciais por meio das formas e de suas funções do presente e do passado e de como esses tempos interagem entre si através de processos pertinentes ao desenvolvimento das sociedades ao longo da história que se colocam em diversas estruturas de acordo com as relações sociais desenvolvidas. Apesar de o espaço se desenvolver de forma desigual ao longo do tempo, deve ser encarado a partir de sua totalidade, tendo em vista que o mesmo se dá a partir de um complexo – e indissociável – sistema de objetos e ações.

134

Pela complexidade do tema e levando-se em consideração o processo de desenvolvimento dos alunos, a BNCC coloca para os últimos dois anos do ensino fundamental – 8º e 9º ano – o estudo sobre o espaço mundial. Para isso

parte da compreensão de que, na realidade atual, a divisão internacional do trabalho e a distribuição da riqueza tornaram-se muito mais fluídas e complexas do ponto de vista das interações espaciais e das redes de interdependência em diferentes escalas. Por esse motivo, no estudo dos países de diferentes continentes (América, Europa, Ásia, África e Oceania), são tematizadas as dimensões da política, da cultura e da economia. (Brasil, 2018)

Cabe então ao 8º ano o estudo e análise dos conceitos de região e território para que os estudantes possam compreender a formação dos Estados nacionais e a maneira como eles interagem entre si no espaço mundial, sobretudo a partir do contexto posterior a Segunda Guerra Mundial, fazendo-se necessária uma abordagem sobre a ascensão – e queda – de potências como Estados Unidos, União Soviética e China a partir de suas participações na geopolítica contemporânea.

A abordagem espacial do 8º ano prioriza o global-regional a partir de como potências geopolíticas e geoeconômicas participam do ordenamento mundial contemporâneo a partir do pós-guerra (1945 em diante). Tal fato se deve por uma organização espacial que acaba levando a um processo de globalização que tem como centro a dispersão de um capitalismo de tendência universalizante.

A morte dos impérios, que o fim da Segunda Guerra Mundial vai precipitar, coincide com a emergência de uma técnica capaz de se universalizar. (Santos, 2014)





Um novo sistema de técnicas ganha espaço com a internacionalização da economia capitalista e com o avanço da tecnologia da informação, fazendo com que o processo de desenvolvimento do capitalismo se tornasse universal, conforme afirma Santos (2014):

Na verdade, antes mesmo de se instalar amplamente, o novo sistema técnico ganha essa enorme vitória, jogando abaixo as únicas fronteiras que poderiam impedir sua difusão. O surgimento de numerosos Estados nacionais, a criação de organismos supranacionais, a entrada em cena da informação e do consumo como denominador comum universal, tudo isso trabalha para facilitar o triunfo das técnicas baseadas na informação e que iriam revolucionar doravante a economia e a política, antes de influir a cultura no processo global de mudanças.

Tem-se então um grande desafio: tornar os alunos do 8º ano do ensino fundamental capazes de analisar o atual espaço mundial – política e economicamente – a partir das transformações ocorridas no cenário global no período que se inicia com o final da Segunda Guerra Mundial tendo como perspectiva as potências geopolíticas e geoeconômicas do período.

Ressalta-se que a abordagem escalar não deve ser restrita do global para o local – entendendo que o global faz referência às potências e o local ao Brasil – mas deve compreender também uma abordagem do local ao global. Ou seja, é preciso que os alunos desenvolvam também uma compreensão analítica sobre o Brasil e seu papel no espaço mundial, como ele é influenciado pelas tendências e paradigmas de cada momento e como o país participa da formação da ordem mundial e da Divisão Internacional do Trabalho. Abaixo estão as habilidades citadas pela BNCC (Brasil, 2018) que competem ao 8º ano:

- (EF08GE05) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.
- (EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.
- (EF08GE07) Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.
- (EF08GE08) Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.
- (EF08GE09) Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).
- (EF08GE14) Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.





Assim sendo, diante da necessidade de buscar novas metodologias para o desenvolvimento da temática, buscaremos nos estudos sobre Política Externa brasileira um ponto de partida. Trata-se de uma tentativa de trazer o Brasil para o centro do debate visando uma aproximação dos estudantes com a temática desenvolvida. Colocaremos o Brasil no centro do mundo para, a partir daí, buscar entender as transformações ocorridas no país a partir de 1990. Entendendo o que tem ocorrido no Brasil e a maneira como ele tem se projetado para o mundo, partiremos para uma análise do espaço global.

Mas, por que a Política Exterior? Para responder a essa questão recorreremos a definição de Pinheiro (2004), que a define como “o conjunto de ações e decisões tomadas por um ator, principalmente o Estado, em relação a outros atores externos (outros Estados, empresas transnacionais, organizações multilaterais etc.), de maneira a garantir os interesses do mesmo.”

A Política exterior de um país diz respeito a como ele se projeta em relação aos demais no espaço mundial de acordo com os anseios que se desenvolvem no âmbito de sua política interna sem deixar de levar em consideração os paradigmas políticos, ideológicos e econômicos que estão em voga no período histórico em questão.

Cervo (2015) continua a temática colocando como a Política Exterior tem a capacidade, inclusive, de servir como meio para fomentar o desenvolvimento ou atraso de uma nação:

136

A política exterior correspondeu, nos últimos dois séculos, a um dos instrumentos com que os governos afetaram o destino de seus povos, mantendo a paz ou fazendo a guerra, administrando os conflitos ou a cooperação, estabelecendo resultados de crescimento e desenvolvimento ou de atraso e dependência.

E o Brasil, como mais um membro da comunidade internacional participante da totalidade que compreende o espaço mundial, insere-se galgando benefícios de acordo com os interesses das pessoas que estão à frente da política e governo do Estado. Trata-se do interesse nacional. Mesmo que esse interesse não corresponda a uma unanimidade no seio da população, de sua elite econômica e das pessoas que compõem a esfera das decisões políticas, é por meio da Política Exterior que o país busca seus interesses no contexto global, trazendo mais ou menos benefícios para parcelas diferentes da sociedade.

Sucederam-se períodos em que a leitura do interesse nacional, feita pelos homens do Estado, ditou políticas restritivas, favoráveis a segmentos sociais e prejudiciais à nação, e períodos em que aquele interesse foi atendido de forma mais global e abrangente – e, nessas circunstâncias, a política perdeu seu caráter conjuntural para ferir as estruturas e tornar-se prospectiva. (Cervo, 2015)

É importante salientar que a política externa de um país não está desvinculada de uma conjuntura internacional. Independentemente de sua natureza ser conflitiva ou cooperativa, a interação das políticas externas deve ser observada como parte de um sistema mundial, constituindo, então, em seu conjunto, a política internacional (Vizentini, 1999). É no cenário mundial que os países interagem por meio de suas políticas exteriores sendo guiados por certos paradigmas pertinentes a seus respectivos tempos, cada qual buscando fazer valer seus próprios interesses que podem ou não estar de acordo com o ordenamento vigente.





As transformações do espaço mundial no pós Segunda Guerra Mundial – 1945-1991

O mundo pós Segunda Guerra Mundial pôs fim aos grandes impérios que ainda respiravam e buscavam levar a cabo suas políticas expansionistas como afirma Hobsbawm (1997), fazendo surgir inúmeros países independentes e novos:

O mundo colonial fora tão completamente transformado numa coleção de Estados nominalmente soberanos depois de 1945 que retrospectivamente pode parecer que isso não só era inevitável como aquilo que os povos coloniais sempre haviam querido.

A partir de então, um novo ordenamento mundial se colocava diante das nações com as duas potências vencedoras da Guerra disputando o espaço geopolítico bipolarizado: Estados Unidos e União Soviética. Além disso, tem-se a emergência de novas técnicas e práticas com o advento do meio técnico-científico, revolucionando a maneira pela qual o capitalismo estava a produzir riqueza a nível mundial a partir da internacionalização dos mercados nacionais, o que gerou uma tendência a unificação da técnica de maneira progressiva a partir de 1945. Apesar dessa tendência homogeneizante,

137

(...) a unicidade técnica não significa presença única de uma técnica única. Na realidade, em nenhum momento da história, exceto em sua fase inicial, os grupos humanos utilizaram uma só geração de técnicas imateriais. (...) Mas as técnicas atuais se difundiram universalmente, ainda que com diferente intensidade e seus efeitos se fazem sentir, direta ou indiretamente, sobre a totalidade dos espaços. Esse, aliás, é um dos caracteres distintos da técnica atual. (Santos, 2014)

O autor acrescenta ainda que

Na verdade, antes mesmo de se instalar amplamente, o novo sistema técnico ganha essa enorme vitória, jogando abaixo as únicas fronteiras que poderiam impedir sua difusão. O surgimento de numerosos Estados nacionais, a criação de organismos supranacionais, a entrada em cena da informação e do consumo como denominador comum universal, tudo isso trabalha para facilitar o triunfo das técnicas baseadas na informação e que iriam revolucionar doravante a economia e a política, antes de influir a cultura no processo global de mudanças. (Santos, 2014)

O meio técnico-científico passa a se fazer presente de maneira progressiva em cada região do planeta, rápida ou lentamente, de maneira desigual, entretanto combinada. A esse processo pode-se dar o nome de globalização:





O movimento de unificação, que corresponde à própria natureza do capitalismo, se acelera, para hoje alcançar o seu ápice, com a predominância, em toda parte, de um único sistema técnico, base material da globalização. Com a emergência do período técnico-científico, no imediato pós-guerra, o respectivo sistema técnico se torna comum a todas as civilizações, a todas as culturas, a todos os sistemas políticos, a todos os continentes e lugares. (Santos, 2014)

Ao período posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e ao fim da União Soviética (1991), dá-se o nome de Guerra Fria. Mesmo que não seja entendida como um período histórico homogêneo único na história do mundo (Hobsbawm, 1997). Apesar disso, a história desse período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que dominou até a queda da URSS: “o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada Guerra Fria”.

De acordo com Hobsbawm (1997), esse período histórico foi deveras tenso para o mundo inteiro, tendo em vista que gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se, poderiam estourar a qualquer momento. Como potências que disputavam a hegemonia do espaço mundial, EUA e URSS apostaram no desenvolvimento de armas de destruição em massa como maneira de se impor perante o conjunto das nações.

Esse período marcou uma fase da política interna brasileira voltada para o desenvolvimento econômico alicerçado no processo de industrialização, buscando na política exterior os meios necessários que não eram encontrados domesticamente. O Estado nacional imprimia racionalidade e continuidade por meio de sua política exterior para a manutenção de um Estado que buscava obstinadamente a promoção do desenvolvimento nacional (Cervo, 2015). Todavia, o período seguinte modificou drasticamente o cenário político e econômico a níveis mundial e nacional.

138

As transformações do espaço mundial no pós fim da URSS e na perspectiva da globalização – 1991 em diante

Com o fim da União Soviética em 1991, uma nova perspectiva estava diante do capitalismo mundial que, a partir de então, poderia expandir-se mais livremente. O fim da Guerra Fria que, diga-se de passagem, já dava sinais de esgotamento desde 1989 com a queda do muro de Berlim. Como nos lembra Cervo (2015), o triunfo do capitalismo sobre o socialismo soviético em 1989 deu impulso à globalização, que engendrou uma nova realidade econômica, caracterizada pelo aumento do volume da velocidade. Qual velocidade? Fluxos financeiros internacionais, fluxos de mercadorias, rotas de transporte marítimo e aéreo e pela convergência de regulações nos Estados que, mesmo estando, a partir desse momento, em uma nova ordem mundial de carácter multipolar, passaram a convergir em termos técnicos e econômicos a partir de acordos multipolares formando blocos econômicos, bem como uma nova assimetria entre o centro e a periferia do capitalismo.

Com a ascensão do neoliberalismo nos anos 1990, o multilateralismo acabou sendo eleito por muitas nações desprovidas de poder para realizar suas vontades (inclusive o Brasil) como meio de ação de suas





políticas exteriores (Cervo, 2015). Ressalta-se que as políticas internas e externas não andam dissociadas, sendo ambas interconectadas influenciando uma sobre a outra, cabendo à política exterior agregar os interesses, os valores e as pretendidas regras do ordenamento global, da integração ou da relação bilateral, isto é, prover o conteúdo da diplomacia desde uma perspectiva interna, quer seja nacional, regional, quer seja universal. (Cervo, 2008)

Assim sendo, o paradigma da ascensão do livre comércio e do livre fluxo de capitais na década de 1990 teve reflexos importantes no desenvolvimento da política interna brasileira, modificando rumos anteriormente traçados a partir de uma perspectiva desenvolvimentista, gerando um reordenamento do Estado, reformando-o e da economia nacional, internacionalizando-a. Destaca-se que o Brasil não foi um caso isolado, já que essa tendência liberal foi um padrão a partir do avanço do meio técnico-científico, mundializando – globalizando – a ação humana, como afirma Santos (2008): “Os últimos anos do século XX testemunharam grandes mudanças em toda a face da terra. O mundo se torna unificado – em virtude das novas condições técnicas, bases sólidas para uma ação humana mundializada.”

Regras, normas e acordos antes desenvolvidos de forma bilateral passam a ganhar traços e formas multilaterais em fóruns e organismos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, criando a possibilidade de programas semelhantes para todos ou quase todos os países, sob a égide e norteamento das grandes potências industriais e financeiras, como nos lembra Santos (2014). O autor coloca **139** ainda que

Essa generalidade das técnicas se impunha como uma tendência. É sua universalidade. A universalidade atual é diferente. Em primeiro lugar, não é uma tendência, mas uma realidade. Em segundo lugar, essa realidade vem fazer parte dos lugares praticamente num mesmo momento, sem defasagens notáveis. Em terceiro lugar, esse fenômeno geral dá lugar a ações que também têm um conteúdo universal. (Santos, 2014)

Resumindo, o período subsequente ao fim da Guerra Fria é marcado pela globalização e sua tendência a homogeneizar os espaços ao redor do globo. Ainda que persistam regionalismos e características pertinentes a escala local, o capitalismo mundial se faz presente de maneira universal. Universalidade da técnica e das ações. Aquilo que até então se mostrava como tendência, a partir de então se materializa como realidade transformando Estados sob a retórica neoliberal, desregulamentando-os e abrindo-os aos fluxos internacionais de capital. Com o Estado brasileiro não foi diferente.





REFERÊNCIAS

BASTOS, Luciano. "O jogo como ferramenta para o ensino de humanidades", In: PICCOLO, Paula T.; CARVALHO, Arnaldo V. (Org.) Jogos de tabuleiro na educação. São Paulo: Devir, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CALLAL, Helena Copetti. "A educação geográfica na formação docente: convergências e tensões", In: SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão et al. (org). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 412. (Coleção Didática e Prática de Ensino).

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella e PEREIRA, Marcelo Garrido e DE PAULA, Igor Rafael. "O pensamento espacial e raciocínio geográfico: considerações teórico-metodológicas a partir da experiência brasileira". Revista de geografia Norte Grande, v. 81, p. 429-456, 2022. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/S0718-34022022000100429>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CERVO, Amado Luiz. Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008. 140

CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. História da Política Exterior do Brasil. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais/Editora da Universidade de Brasília, 2015.

HAESBAERT, R. Conceitos fundamentais da Geografia: Região. GEOgraphia, 21(45), 117-136. 2019.

HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MASSEY, D. A MENTE GEOGRÁFICA. GEOgraphia, v. 19, n. 40, p. 36 - 40, 5 out. 2017.

MARICÁ, Município de. Referencial curricular da rede municipal de ensino de Maricá. Prefeitura Municipal de Maricá, Secretaria Municipal de Educação. 2021.

MELLO, Leonel. Quem tem medo de geopolítica? São Paulo: EdUSP, 1999.

PINHEIRO, L. A. Política externa brasileira, 1889-2002. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

RIBEIRO, Patrícia Assis da Silva. Pensamento espacial e raciocínio geográfico: aproximações e distanciamentos. Signos Geográficos, Goiânia-GO, v.4, n.6, p.3-13, nov. 2022.

RIBEIRO, Wagner Costa. A quem interessa a globalização. Revista ADUSP, 1995, n. 2, p. 18-21.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica, e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 4 ed.





SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Record: Rio de Janeiro, 2008.

TELES, Reinaldo Miranda de Sá; PIERI, Vitor Stuart Gabriel de; OLIVEIRA, Fabiana de. Turismo e política externa brasileira: de Vargas a Dilma. Boa Vista: Editora da UFRR, 2016, 126 p.

UERJ. Vestibular Estadual, 2015. 1º Exame de Qualificação. Disponível em: http://www.vestibular.uerj.br/wp-content/uploads/2019/04/2015_1eq_prova.pdf. Acesso em 07 de dez. de 2023.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. O Brasil e o Mundo: a política externa e suas fases. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.20, n.1, p.131-154, 1999.

